ISSN 2525-4812 (versão on-line)
ISSN 2238-7641 (versão impressa)
http://www.revistaterceiramargem.com/index.php/terceiramargem/index

Recebido em: 30/5/2022
Aceito em: 7/8/2022
Período de publicação: 2024

Revista Terceira Margem Amazônia
(v. 11 • n. 23 • 2024)

Como citar o artigo:

AGUIAR, P. L. de; COSTA, M. G. da. Escola e saberes culturais de crianças Dâw, São Gabriel da Cachoeira, Amazonas, Brasil. **Revista Terceira Margem Amazônia**, v. 11, n. 23, p. 85-95, 2024. DOI: http://dx.doi.org/10.36882/2525-4812.2024v11i23.p85-95.

ESCOLA E SABERES CULTURAIS DE CRIANÇAS DÂW, SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA, AMAZONAS, BRASIL

Patrícia Lisboa de Aguiar[1]
Mauro Gomes da Costa[2]

Resumo: O objetivo do texto é estabelecer relações entre os conhecimentos ancestrais Dâw e os conhecimentos científicos na escola. A metodologia inclui a etnografia, os participantes são alunos do Ensino Fundamental e o professor da turma, todos da etnia Dâw, e o local é Waruá, São Gabriel da Cachoeira, Amazonas, Brasil. Os resultados destacam que os saberes Dâw provêm das vivências individuais, da interação sociocultural e das narrativas ancestrais e, ao associarem-se aos conhecimentos científicos, incidem no ensino atitudinal dos adultos e no aprendizado concreto das crianças. As conclusões apontam que os saberes devem ser tidos como equiparados e que a interface entre os diferentes tipos de conhecimentos amplia a compreensão sobre o ser humano, a natureza e a sociedade.

Palavras-chave: escola indígena, educação escolar indígena, criança Dâw, sociedades originárias.

SCHOOL AND CULTURE: KNOWLEDGE BUILT FROM DÂW CHILDREN, SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA, AMAZONAS, BRAZIL

Abstract: The objective of the text is to establish relationships between the ancestral knowledge of the Dâw and the scientific knowledge in the school. The methodology includes the ethnography, the participants are elementary school students and the class teacher, who are all of the Dâw ethnicity, and the study area is Waruá, São Gabriel da Cachoeira, Amazonas state, Brazil. The results highlight that Dâw knowledge comes from individual experiences, sociocultural interaction and ancestral narratives and, when associated with scientific knowledge, they focus on the attitudinal teaching of adults and the concrete learning of children. The conclusions indicate that knowledge should be considered as equal and that the interface between the different types of knowledge broadens the understanding about the human being, nature and society.

Keywords: indigenous school, indigenous school education, Dâw children, original societies.

[1] Mestre em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA, 2017); pesquisadora e membro do Grupo de Pesquisa Fundamentos da Educação e Ensino de Ciências (GPEFEEC).
E-mail: patty_lisboa@yahoo.com.br
https://orcid.org/https:/0000-0002-9907-061X3

[2] Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp); professor de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação na Amazônia (PGEDA/Educanorte – Edital 002/2022); coordenador do Mestrado Acadêmico em Educação em Ciências na Amazônia (2019-2021); líder do Grupo de Pesquisa Fundamentos da Educação e Ensino de Ciências (GPFEEC).
E-mail: semogcosta@yahoo.com.br
https://orcid.org/https:/0000-0002-1216-8412

Introdução

O texto é parte de uma pesquisa realizada em São Gabriel da Cachoeira, noroeste do estado do Amazonas, aproximadamente a 850 km da capital Manaus, às margens do Rio Negro, no período compreendido entre 2015 e 2016. O local da pesquisa é a Escola Municipal Indígena Waruá e os participantes são alunos do Ensino Fundamental e seu professor, todos da etnia Dâw.

Os alunos Dâw pertencem a um grupo étnico de 142 pessoas e habitam o povoado de Waruá, localizado à margem direita do Rio Negro, em frente à cidade de São Gabriel da Cachoeira. Esse município abriga 23 sociedades originárias, as quais habitam a região há, pelo menos, 3 mil anos, totalizando cerca de 10% da diversidade étnica atual do Brasil (Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro, 2021), e em seu território localiza-se a "cabeça do cachorro", alusão ao desenho que a fronteira geopolítica com a Colômbia delineia, conforme a Figura 1.

Figura 1. Mapa de localização de São Gabriel da Cachoeira.

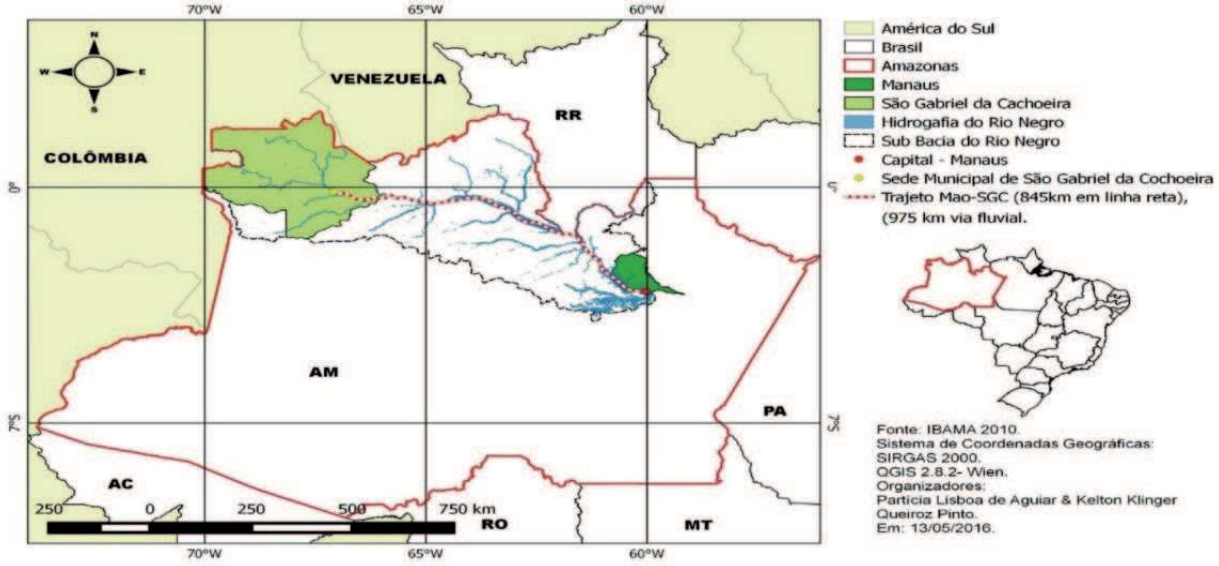


Foto: Aguiar e Queiroz, 2016.

A área do município é de 109.181 km², a qual representa 6,9512% do estado do Amazonas, 2,8335% da Região Norte do Brasil e 1,2851% do território brasileiro. De acordo com estimativas atuais, a população é de 47.031 habitantes (IBGE, 2021). Das Unidades de Conservação, destacam-se o Parque Nacional Pico da Neblina (Federal) e a Reserva Biológica Morro dos Seis Lagos (Estadual).

Os Dâw, "gente"/"povo", formam um grupo étnico da família linguística Nadahup, por isso, compartilham caracteres socioculturais com outras etnias como Hupd'äh, Yuhupde (Athias, 2010). Para entender a criança Dâw torna-se necessário ter uma noção da cultura mais abrangente.

Dentre os traços ecológicos, linguísticos, culturais, econômicos e sociais dos Nadahup podem ser destacados a habitação nas áreas interfluviais ("índios do mato"), as regras de casamento (endogamia), a fluidez da organização social, o nomadismo, a caça, a coleta, a residência bilateral

com tendência a uxorilocalidade (Pozzobon, 1983, 2013), a distribuição, a composição e a interação entre os grupos (doméstico, local e regional), as regras de parentesco, o sistema de clãs e a cosmologia (Silverwood-Cope, 1990).

Esses aspectos da cultura Nadahup contrastam com as características dos grupos linguísticos Tukano Oriental e Aruak, tais como a habitação nas margens dos rios ("índios do rio"), a exogamia de língua (casamento entre homem e mulher de línguas diferentes), a tendência ao sedentarismo em razão da residência em grandes malocas, a agricultura, a pesca e a residência patrilocal (a mulher vem morar na tribo do marido). Essa especificidade sociocultural, associada à distinção humano x não humano, define, para as outras etnias (os "Índios do Rio"), o status hierárquico social Nadahup. Segundo Silverwood-Cope (1990):

> Para os Índios do Rio, os Maku[3] representam uma categoria de seres situada na ordem mais inferior da hierarquia humana ou nem mesmo são humanos, estando próximos à categoria dos animais. O status inferior dos Maku em relação aos Índios do Rio não se deve somente à dependência ocasional dos primeiros por bens de troca, alimentos cultivados e tabaco, pelos quais eles trazem carne e executam serviços, mas está relacionada também à sua maneira de viver e à sua organização social interna.

Quanto à hierarquia social, a população Dâw, em meados dos anos 1980, estava estimada em 83 pessoas, constituindo, assim, um grupo reduzido, em vias de extinção devido à alta taxa de mortalidade infantil registrada até 1984, ocasionada pela subnutrição (Martins, 1994). Nos últimos anos cresce a mobilização dos Dâw no sentido de se organizarem para o desenvolvimento de projetos na área da saúde, educação e cultura (Martins, 2004; Ricardo; Ricardo, 2011).

A sumária descrição dos traços da cultura Nadahup frente aos grupos linguísticos Tukano Oriental e Aruak oferece elementos para o entendimento da maior resistência dos Nadahup em relação à ação missionária, militar, por exemplo. As tentativas de nucleação, catequese e escolarização dos Nadahup não produziram os efeitos esperados na mesma intensidade como o que se verificou entre os grupos da família linguística Tukano Oriental e Aruak, especialmente devido à resistência dos Nadahup ao contato com o branco, a qual se exprimia por meio do isolamento geográfico e na recusa de abandonar o nomadismo.

Justificamos esta pesquisa remetendo à diversidade cultural como valor, pois, vemos uma oportunidade de tentar compreender de que maneira as crianças Dâw constroem vínculos com a sociedade, os ambientes, os seres e os processos do mundo natural, ou seja, o seu entendimento e vivência em relação à sociedade, à natureza e à cultura Dâw, a partir de atividades pedagógicas escolares.

Os Dâw avizinham-se de outros povoados habitados pelos Tukano, Baré, Baniwa e Kuripako (dentre outros grupos étnicos), com os quais compartilham os recursos hídricos, a fauna e a flora. O universo da criança Dâw, com ênfase em experiências de escolarização (Assis; Mendes; Gama, 2012) e processos educacionais escolares e extraescolares, conta com as pesquisas de Aguiar

[3] Na região do Rio Negro, o termo "Maku" denota um sentido discriminatório para referir-se às etnias da família linguística Nadahup.

(2017) e Assis (2006). Por isso, buscamos dar continuidade às pesquisas dessa natureza[4], propondo-nos a investigar as falas e as ações das crianças a partir da realidade concreta vivenciada por elas.

Construções Metodológicas

A abordagem metodológica adotada para subsidiar a produção dos dados originários foi a pesquisa qualitativa e etnográfica. O conceito de etnografia tem uma longa tradição e, portanto, diferentes definições na área da Antropologia, mas não sendo, aqui, o cerne da discussão perscrutar as acepções disciplinares da etnografia, compartilhamos da perspectiva de Geertz (2008 [1973], p. 7), para quem a etnografia é uma "descrição densa", endereçada para a busca de "estruturas de significação", empreendimento que requer construir uma leitura de "multiplicidade de estruturas conceituais complexas", enfim, continua o autor, a descrição etnográfica é "interpretativa", "o que ela interpreta é o fluxo do discurso social", com vistas a salvar o "dito num tal discurso de sua possibilidade extinguir-se e fixá-los em formas pesquisáveis" (Geertz, 2008, p. 15).

Em relação aos procedimentos operacionais da metodologia, utilizamos como instrumentos de coleta e geração de dados a pesquisa de campo, a observação participante e a aula passeio no entorno da escola. A isso associamos os equipamentos de registro (diário de campo e máquina fotográfica) e adotamos a centralidade das falas e das ações das crianças para, ao interpretá-las, buscar ampliar a compreensão sobre a cultura Dâw.

Os participantes da pesquisa foram 12 alunos bilíngues do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental de uma sala multisseriada, além do professor, sendo que, tanto o docente quanto os alunos são coautores da produção dos dados. Em relação aos aspectos éticos e legais da pesquisa com seres humanos, eles ocorreram em consonância com a Resolução CNS nº 510, de 07 de abril de 2016 (Conselho Nacional de Saúde, 2016), e a Resolução 304/2000, de 09 de agosto de 2000 (Conselho Nacional de Saúde, 2000), as quais regulamentam as pesquisas com sociedades originárias e da área das Ciências Humanas. Outro ponto legal foi a utilização do Consentimento Informado. Segundo Spink (2000, p. 20-21), o consentimento informado caracteriza-se por "acordos iniciais que selam a colaboração, a confiança e a abertura para espaços de discussão sobre os procedimentos que serão utilizados". É como se fosse um contrato. A conversa com as crianças Dâw trouxe a oportunidade para elas decidirem, com autonomia e consciência, sobre a sua participação na pesquisa, pois a pesquisa só se concretizaria se houvesse a permissão de cada uma delas.

Em relação ao local, trata-se da Escola Municipal Indígena Waruá, localizada no povoado de Waruá. A escola foi registrada, em 1994, pela Secretaria Municipal de Educação e Desporto de São Gabriel da Cachoeira. Possui quatro salas de aula, a estrutura é de madeira com o alicerce em alvenaria, as portas, as janelas, as paredes são de madeira e o teto de zinco.

Em 2015, a escola contava com 36 alunos e 3 professores, atendendo a Educação Infantil até o 9º do Ensino Fundamental. Nos anos de 2016 e 2017 atendeu com 6 professores: três tur-

[4] O artigo resulta do aprofundamento analítico de um recorte da dissertação "Waruá e o Morro da Boa Esperança: o diálogo entre os saberes das ciências e o conhecimento tradicional indígena Dâw", de autoria de Patrícia Lisboa de Aguiar, defendida, em 2017, no Mestrado em Educação em Ciências na Amazônia, Universidade do Estado do Amazonas (UEA).

mas pela manhã, uma turma pela tarde e uma turma pela noite, em salas multisseriadas, sendo que estas são caracterizadas pela presença de um único professor que leciona todas as disciplinas para diferentes séries, ao mesmo tempo e em um único espaço. Segundo Martins (2004, p. 5), "as crianças são alfabetizadas primeiramente em Dâw e depois em português [e a] escrita da língua Dâw já está começando a ser utilizada fora da escola, no contexto da comunidade".

No âmbito das políticas de formação de professores da Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (FOIRN), os professores Dâw cursaram o II Magistério Indígena, 2005 a 2008, sendo um deles professor da língua Dâw.

De acordo com a Secretaria Municipal de Educação e Desporto (São Gabriel da Cachoeira, 2015), a escola de Waruá atende os alunos de outros povoados. O Projeto Político Pedagógico Indígena (PPPI) da escola encontra-se em formação e o quadro de funcionários é composto por professores Dâw e de outras etnias, pertencentes ao quadro de recursos humanos da Secretaria Municipal de Educação (Semed). A presença de professores de outras etnias é uma situação em debate pelos moradores locais, pois eles defendem que a escola de Waruá seja gerida pelos Dâw. A Escola de Waruá é vinculada ao Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) e, pelo fato de muitas famílias possuírem o Cadastro do Agricultor Rural, a escola é abastecida com alimentos oriundos das roças, da coleta e da pesca dos moradores e moradoras do povoado (Instituto Socioambiental, 2022; São Gabriel da Cachoeira, 2015).

Em relação à metodologia procedimental, as informações coletadas foram transcritas e agrupadas por temáticas procurando-se apreender os elementos concretos da realidade levando em consideração a historicidade dos participantes. Para a análise e a interpretação dos dados, as falas dos alunos Dâw são cotejadas com o universo sociocultural e o referencial teórico.

A cosmovisão nas falas das crianças Dâw

Falar em cosmovisão implica levar em contar as narrativas míticas que justificam a existência de uma ordem social (cosmo) contra os efeitos da incerteza (caos), sendo a principal delas os mitos cosmogônicos, ou seja, os mitos de criação do universo. Nesse sentindo, buscamos nas indicações de Eliade (2007, p. 25) o entendimento de cosmologia:

> Toda história mítica que relata a origem de alguma coisa pressupõe e prolonga a cosmogonia. Do ponto de vista da estrutura, os mitos de origem homologam-se ao mito cosmogônico. Sendo a criação do Mundo a Criação por excelência, a cosmogonia torna-se o modelo exemplar para toda espécie de "criação". Isso não quer dizer que o mito de origem imite ou copie o modelo cosmogônico, pois não se trata de uma reflexão consertada e sistemática. Mas todo novo aparecimento – um animal, uma planta, uma instituição – implica a existência de um Mundo.

O tempo forma a cosmologia de todas as sociedades originárias do Rio Negro, cada um com suas peculiaridades. Sendo assim, ao pensar na cosmologia como um universo organizado e ordenado segundo uma lógica diferenciada da sociedade do kariú, homem branco, consideramos os elementos determinantes para o entendimento de um mundo estruturado em bases distintas das sociedades ocidentais. Isso ficou evidente quando foi realizada a aula passeio, em frente à escola

Waruá, às margens do Rio Negro, com o objetivo de explorar os conteúdos escolares de forma prática em ambientes naturais.

Quando chegamos ao rio, as crianças se dividiram em grupos e o professor pediu que elas falassem em português, mas o pedido não surtiu efeito. Depois de uns minutos, o aluno Maycon se aproximou e falou em português:

> - "*Sabia que de noite ela gritou muito*?", aponta fazendo um bico com a boca para a menina sentada no chão.
>
> Pergunto: por quê?
>
> - *Ela viu o curupira. Ele veio com a forte chuva de ontem. Meu tio fala que não devemos sair quando chove muito, isso é perigoso*.
>
> Ele me olha sério e diz:
>
> - *Você já viu o curupira?*
>
> Respondo: não!
>
> Ele continua falando:
>
> - *Quer ver?*
>
> Digo que não, balançando a cabeça. Ele me olha e vai sentar na rocha com as outras crianças (Aguiar, 2016a).

As crianças conversam entre si em tom de voz baixo. Riem e apontam para o rio. Percebo que não estão à vontade com a minha presença. Com calma, sento próxima a elas e tiro fotos delas e do rio. Elas permitem que sejam fotografadas. Nesse instante, o professor pergunta se já ouvi histórias sobre o rio e, apontando para as águas do Rio Negro, pede para um aluno contar uma história para mim. O menino Airton narra uma história de pescaria misturando a língua portuguesa e a língua Dâw:

> Existe um grande jacaré e uma cobra que moram na cachoeira (apontando para o rio). Eles vivem cada um no seu canto. Não se falam. Só aparecem se alguém fizer algo errado. Um dia, fui pescar com meu pai e a muçum (cobra) bateu no casco, querendo comer o peixe que meu pai pescou. Bateu no casco várias vezes, só parou depois que jogamos um peixe no rio. Agora quando eu vou pescar jogo alguma comida no rio antes para a muçum e o jacaré não baterem no meu casco. (Aguiar, 2016a).

As falas de Maycon e Airton mencionam os rios, as cachoeiras, fenômenos da natureza (chuva), criaturas encantadas da floresta (*curupira*) e espécies da fauna amazônica (jacaré, cobra, peixe). O relato de Airton remete ao fato de que, para os Dâw, a transmissão de conhecimentos dá-se pelo exemplo dos adultos e o aprendizado ocorre por meio da observação, escuta e práticas de atividades cotidianas (Athias, 2012), como se denota na atividade de pescaria na qual se aprende sobre os melhores pontos de pesca, as armadilhas, os períodos de fartura e escassez etc.

Nas interações com as crianças Dâw, observamos que, em ambas as histórias (curupira e pescaria), aparecem as crenças, os valores e as vivências presentes no dia a dia deles. Nesses casos, tanto os mitos quanto as lendas trazem subjacentes os preceitos morais indispensáveis para a organização social, como se lê nas expressões: "Meu tio fala que não devemos sair quando cho-

ve muito [...]" e "agora quando eu vou pescar jogo alguma comida no rio [...]". O aprendizado parte do experimentado, do vivenciado no cotidiano de Waruá, como os perigos da tempestade (*curupira*) e a postura durante a pesca. Para Nascimento, Aguilera Urquiza e Vieira (2011, p. 33), a vivência cotidiana permite "criar, reinventar, reelaborar sentidos e traduções sobre os fenômenos que os cercam e experienciam e transmitem culturas e saberes, inclusive para o mundo dos adultos".

Diante disso, é que trazemos as falas das crianças da etnia Dâw, de modo a refletir sobre o que elas entendem do mundo que as cercam. Suas falas são repletas de ensinamentos, que são aprendidos na família, no convívio com os adultos e acompanhando os afazeres dos pais e da coletividade. Os saberes das crianças provêm das experiências e estas incidem no saber fazer e no saber ensinar. Em outros momentos, os saberes emergem das brincadeiras e da interação social com outras crianças.

Para Mubarac Sobrinho (2011), o brincar é um aprendizado que possibilita à criança viver e representar o mundo considerando seus pontos de vistas e as mais agradáveis formas de viver a realidade, sendo assim, os alunos Dâw constroem e repassam seu aprendizado em qualquer lugar e a qualquer hora. Outro momento de aprendizado são as brincadeiras, pois, por meio delas, os conhecimentos se constroem ao mesmo tempo em que fortalecem os laços de amizade, respeito e de cooperação entre as crianças Dâw.

Resultados e Discussões

Toda a movimentação em Waruá é calma, a circulação das crianças pelo povoado ocorre livremente e, algumas vezes, sem a presença dos adultos. Elas tomam conta do povoado pelo fato de transitarem de um lado para o outro, algumas vezes, estão caladas e de cabeça baixa, outras vezes aparecem correndo com ou sem roupa, gritando ou sorrindo, se escondendo entre os arbustos. Outras vezes estão molhadas pelas águas do rio, pois não existem regras para se banhar, quando a vontade surge, lá vão elas correndo, tirando a roupa e pulando no rio, sem medo e sem receio. O que se vê nessas crianças é a manifestação da alegria de viver.

O aprender fazendo é a principal característica da construção de saberes do povo Dâw, ou seja, por meio do ato de recriação as crianças Dâw obtém aprendizado (Figura 2). Nesses momentos não existe pressa em terminar as atividades, pois os adultos estão dispostos a repetir o processo, caso não tenha havido o entendimento por parte da criança Dâw. Um exemplo de aprendizado fora de sala de aula encontra-se registrado na Figura 2.

A participação da criança Dâw nos trabalhos coletivos é intensa, não existe restrição para elas em atividades como fazer fogo e queimar as folhas após a limpeza.

Observamos que privar a criança Dâw desse tipo de aprendizado equivale a negar as condições materiais de sua existência futura, pois esses ensinamentos se aprendem dentro da coletividade, são saberes construídos e repassados de geração em geração e estão presentes em cada sujeito, que é o construtor de sua própria história dentro da Amazônia (Souza, 2013, p. 51).

Figura 2. O aprender fazendo das crianças Dâw em Waruá.



Foto: Aguiar e Queiroz, 2016.

Para os Dâw, a interação social por meio dos afazeres produz ensinamento e aprendizado, é o fazer e o viver em sociedade. De acordo com Maher (2006, p. 17), "nas sociedades indígenas, o ensinar e o aprender são ações mescladas, incorporadas à rotina do dia a dia, ao trabalho e ao lazer e não estão restritas a nenhum espaço físico". Ainda em relação à interação social, na perspectiva de Maturana (1998, p. 29), o educar se constitui no processo em que a criança ou o adulto convive com o outro e, na convivência, se transforma, de maneira que seu modo de viver se faz progressivamente mais congruente com o outro no espaço da convivência. O ambiente coletivo é uma escola de constantes atividades de ensino e de aprendizagem, na qual o que impera é a pedagogia ancestral.

A realidade presenciada em Waruá, a escola ultrapassando os limites da sala de aula, é como devemos olhar a Educação Escolar Indígena, como um universo cultural integrado à escola para evitar que a instituição escolar se torne apenas uma "escola de branco em maloca de índio" (Weigel, 2000). Compreender que é possível construir saberes por meio do cotidiano e das vivencias no contexto escolar é uma das possibilidades para o processo de ensino das ciências (Melo, 2016).

A relação de vida com o ensino das ciências é uma possibilidade de compreender a construção do conhecimento e como este se estrutura a partir da compreensão de mundo da criança Dâw. Os saberes são transmitidos na experiência vivida, as crianças aprendem observando, escutando e, em seguida, a recriação surge na ação prática, na ciência do concreto (Lévi-Strauss, 1989). A convivência se transforma em saberes e é a experiência concreta que incide no saber fazer e no saber ensinar, como ocorre entre os adultos e a criança Dâw.

Outro aspecto que se destaca, a partir da fala de Airton, é que na educação Dâw a natureza e a sociedade são vistas de forma indissociável, portanto, o antropocentrismo que se arroga o direito de subjugar as outras criaturas fica atenuado, pois trata-se de conviver em harmonia com a natureza, inclusive, distribuindo uma parte dos frutos da pescaria para outros não humanos, como a cobra, que integram a nossa morada comum.

Considerações Finais

Os alunos Dâw são crianças que brincam, pulam, sobem em árvores, nadam no rio, sorriem e andam por toda a Waruá com liberdade, são crianças que participam das atividades com os adultos, mas não tem voz de destaque perante a coletividade. Quando se tem a confiança delas, elas falam o que pensam sem medo ou receios. E na busca de viabilizar a produção de dados, por meio da fala da criança da etnia Dâw e do seu entendimento, encontramos um ponto de partida para estabelecer as relações entre a ciência e o conhecimento ancestral, a saber, partir da realidade concreta e buscar a fusão de horizontes e ver o outro como ele se vê.

Saber observar e ouvir os alunos Dâw é oportunizar a construção dos conhecimentos científicos, relacionando os conhecimentos escolares com o cotidiano de Waruá. Essa relação torna as aulas mais significativas dentro do processo de ensino e de aprendizagem, pois o professor Dâw tem uma função diferenciada em relação às escolas tradicionais, pois, ao invés de ele mediar o conhecimento, é o conhecimento coletivo que faz a mediação entre os participantes. Desse modo, a educação Dâw consiste em orientar e transmitir o conhecimento na perspectiva do coletivo, do trabalho em grupo, dentro dos afazeres domésticos em Waruá.

Na construção dos saberes Dâw, não existe separação entre o conhecimento escolar e os afazeres cotidianos. Tudo é ensinado concomitantemente, os conhecimentos científicos se entrelaçam aos conhecimentos ancestrais, sendo que estes últimos são construídos sem pressa, no convívio diário com os adultos. É nesse contexto, que a cosmovisão da criança Dâw é compreendida. Tudo que acontece à sua volta interfere no seu aprendizado e na sua compreensão da natureza e do mundo social.

Portanto, o entendimento do aluno Dâw, a sua cosmovisão, não deve ser separada dos objetos de conhecimentos previstos no currículo escolar, mas sim valorizados e trabalhados na interface com os conhecimentos científicos, pois os ensinamentos comunitários, coletivos favorecem o processo pedagógico na esfera do ensino e do aprendizado do conhecimento.

Referências

AGUIAR, P. L. de. **Diário de Campo**. Waruá. Diálogos com os alunos Dâw – aula passeio. São Gabriel da Cachoeira, Amazonas, 2016a.

AGUIAR, P. L. de. **Pesquisa de Campo**. O aprender fazendo das crianças Dâw em Waruá. Waruá, São Gabriel da Cachoeira, Amazonas, 2016b.

AGUIAR, P. L. de. **Waruá e o Morro da Boa Esperança**: o diálogo entre os saberes das ciências e o conhecimento tradicional indígena Dâw. 2017. 157 f. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências na Amazônia) - Universidade do Estado do Amazonas, Manaus.

AGUIAR, P. L. de; QUEIROZ, K. **Mapa de localização da Sede do município de São Gabriel da Cachoeira**. Waruá, São Gabriel da Cachoeira, AM, 2016.

ASSIS, L. de P. S. **Quando o fim é o começo**: identidade e estigma na história do povo Dâw no Alto Rio Negro. 2006. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Universidade Federal do Amazonas, 2006.

ASSIS, L. de P.; MENDES, R.; GAMA, D. P. da. Escola indígena Waruá. In: CABALZAR, F. D. (org.). **Educação escolar indígena no Rio Negro 1998-2011**: relatos de experiências e lições aprendidas. São Paulo: Instituto Socioambiental; São Gabriel da Cachoeira, AM: Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro, 2012. p. 342-345.

ATHIAS, R. Escolas, saberes e práticas de ensino entre os professores hupd'äh. In: CABALZAR, F. D. (org.). **Educação escolar indígena no Rio Negro 1998-2011**: relatos de experiências e lições aprendidas. São Paulo: Instituto Socioambiental; São Gabriel da Cachoeira, AM: Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro, 2012. p. 212-219.

ATHIAS, R. Oralidade e prática de ensino entre os professores hup'däh da região do Rio Negro. **Tellus**, ano 10, n. 19, p. 83-96, jul./dez. 2010.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE (Brasil). Resolução Nº 510, de 07 de abril de 2016. **Diário Oficial da União**, 24 maio 2016. Seção 1, n. 98, p. 44-46. Disponível em: https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf. Acesso em: 10 maio 2022.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE (Brasil). **Resolução Nº 304 de 09 de agosto de 2000**. Brasília, DF, 2000. Disponível em: https://conselho.saude.gov.br/images/comissoes/conep/documentos/NORMAS-RESOLUCOES/06._Resolu%C3%A7%C3%A3o_304_2000_Povos_Ind%C3%ADgenas.PDF. Acesso em: 10 maio 2022.

ELIADE, M. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

FEDERAÇÃO DAS ORGANIZAÇÕES INDÍGENAS DO RIO NEGRO. **Portal**. São Gabriel da Cachoeira: FOIRN, 2021. Disponível em: http://www.foirn.org.br. Acesso em: 23 maio 2022.

GEERTZ, C. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008 [1973].

IBGE. **Cidades@**. São Gabriel da Cachoeira. População estimada 2021. Disponível em: http://www.cidades.ibge.gov.br. Acesso em: 23 maio 2022.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. **Dâw** – povos indígenas do Brasil. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:D%C3%A2w#Aspectos_contempor.C3.A2neos. Acesso em: 20 maio 2022.

LÉVI-STRAUSS, C. A ciência do concreto. In: LÉVI-STRAUSS, C. **O pensamento selvagem**. 8. ed. Campinas, SP: Papirus, 1989.

MAHER, T. M. Formação de professores indígenas: uma discussão introdutória. In: GRUPIONI, L. D. B. (org.). **Formação de professores indígenas**: repensando trajetórias. Brasília, DF: Ministério da Educação: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2006. p. 11-37. Disponível em: http://pronacampo.mec.gov.br/images/pdf/bib_volume8_formacao_de_professores_indigenas_repensando_trajetorias.pdf. Acesso em: 15 maio 2022.

MARTINS, S. A. **Análise da morfossintaxe da Língua Dâw (Maku– Kamã) e sua classificação tipológica**. 1994. 204 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

MARTINS, S. A. **Fonologia e gramática Dâw**. 2004. 685 f. Tese (Doutorado) – Vrije Universiteit Amsterdam/VUA, Holanda.

MATURANA, H. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998. 98 p.

MELO, H. L. da S. de. **O ensino das ciências e os saberes vividos**: um estudo do ensino a partir do currículo da Escola Ribeirinha de várzea no município de Parintins/AM. 2016. 120 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Educação em Ciências na Amazônia) – Universidade do Estado do Amazonas, Manaus.

MUBARAC SOBRINHO, R. S. **Vozes infantis indígenas**: as culturas escolares como elemento de (des) encontro com as culturas das crianças Sateré-Mawé. Manaus: Editora Valer: Fapeam, 2011.

NASCIMENTO, A. C.; AGUILERA URQUIZA, A. H.; VIEIRA, C. M. N. A cosmovisão e a representação das crianças indígenas Kaiowá e Guarani: o antes e depois da escolarização In: NASCIMENTO, A. C.; URQUIZA, A. H. A.; VIEIRA, C. N. (org.). **Criança indígena**: diversidade cultural, educação e representações sociais. Brasília, DF: Liber, 2011. p. 21-44.

POZZOBON, J. **Isolamento e endogamia**: observações sobre a organização social dos índios Makú. 1983. 387 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

POZZOBON, J. **"Vocês, brancos, não tem alma"**: histórias de fronteira. 2. ed. Rio de Janeiro: Beco do Azougue; São Paulo: Instituto Socioambiental, 2013.

RICARDO, B.; RICARDO, F. **Povos indígenas no Brasil**: 2006-2010. São Paulo: Socioambiental, 2011.

SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA. Secretaria Municipal de Educação e Desporto. **Censo escolar**. São Gabriel da Cachoeira, 2015.

SILVERWOOD-COPE, P. L. **Os Makú**: povo caçador do noroeste da Amazônia. Brasília, DF: Editora da Universidade de Brasília, 1990.

SOUZA, J. C. R. de. **A geografia nas escolas das comunidades ribeirinhas de Parintins**: entre o currículo, o cotidiano e os saberes tradicionais. 2013. 245 f. Tese (Doutorado em Geografia Física) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

SPINK, M. J. A ética na pesquisa social: da perspectiva prescritiva à interanimação dialógica. **Revista Semestral da Faculdade de Psicologia da PUCRS**, v. 31, n. 1, p. 7-22, jan./jul. 2000. Disponível em: http://maryjanespink.blogspot.com/p/artigos.html. Acesso em: 10 maio 2022.

WEIGEL, V. A. de C. M. **Escolas de branco em malocas de índio**. Manaus: Edua, 2000.